

HOMOSSEXUALIDADE COMO CONFLITO MORAL: DUAS PERSPECTIVAS CRISTÃS

Dr. James Farris
Pós-Graduação em Ciências da Religião
UMESP

A sexualidade é uma das forças fundamentais na vida humana. Ela penetra toda a existência individual e social. Por esta razão, a sexualidade e a Igreja, a fé, a teologia, a ética e a ação pastoral se interpenetram. As questões a respeito da relação entre a sexualidade e a fé, ou o corpo e o espírito, têm sido discutido nas tradições do judaísmo e cristianismo durante quase três mil anos. São problemas complexos porque tocam em algumas das questões mais profundas da vida. Qual é a natureza fundamental da sexualidade humana? Qual é a vontade de Deus para nossa sexualidade? Qual a relação entre o amor e a sexualidade? Quais as autoridades básicas que fundamentam nossas crenças, teologias e éticas a respeito da sexualidade humana? A questão da homossexualidade é um dos conflitos atuais mais agudos dentro da Igreja exatamente porque lida com as forças fundamentais da vida e da natureza e ação de Deus.

A sexualidade humana não pode ser limitada à sua expressão genital. A genitalidade é apenas um aspecto de nossa identidade como seres sexuais. Este fato fica mais claro quando entramos na discussão da heterossexualidade e da homossexualidade sob uma ótica teológica e ética. A maneira como a pessoa expressa a sexualidade envolve mais do que os atos genitais e a sexualidade envolve questões de identidade, espiritualidade, relações e o que significa ser um ser humano. Nossa sexualidade afeta o como entendemos e nos relacionamos um com o outro e com Deus.

A questão da homossexualidade é um conflito moral dentro da Igreja Cristã. A moralidade pode ser compreendida como os comportamentos, as atitudes e as crenças que são consideradas, por uma comunidade cristã, a serem as respostas mais adequadas à auto-revelação de Deus. Por conseguinte, a moralidade não é apenas uma questão de costumes sociais, ou de senso comum. No contexto da Igreja Cristã, a moralidade tem sua base na revelação, ou na percepção humana da natureza do Divino ou Sagrado, e como expressar estas verdades na existência humana. Uma "verdade" moral tradicional dentro do cristianismo é que a heterossexualidade é a norma humana, baseada na autoridade da Bíblia, da tradição, da razão e da experiência. Entretanto, durante os últimos cem anos, diversas influências têm gerado uma opção moral nova: a homossexualidade como expressão intrínseca sexual humana. Em vez da existência de uma "sexualidade humana", ou seja a heterossexualidade, as discussões atuais estão considerando seriamente a existência de duas "sexualidades humanas", a hetero e a homossexualidade. Esta discussão tem gerado um conflito moral fundamental nas tradições cristãs, porque tal possibilidade desafia radicalmente as interpretações morais tradicionais da sexualidade humana.

Atualmente, este conflito moral é altamente polarizado. Existe pouco diálogo entre as diversas posições morais. Isto é devido, em geral, à realidade de que as questões da sexualidade humana na Igreja Cristã estão vinculadas às

crenças fundamentais sobre a natureza do ser humano, e de Deus. Conseqüentemente, o conflito moral a respeito da homossexualidade não é simplesmente teórico, ou abstrato, mas existencial. Neste sentido, a homossexualidade como conflito moral é mais do que uma discussão de princípios. Reconhecer a homossexualidade como uma expressão intrínseca da sexualidade humana tem implicações para o estado legal de casamento, a ordenação de clérigos, a criação de filhos e os direitos legais e econômicos de homossexuais.

Nossas crenças afetam, consciente ou inconscientemente, nossas ações. É impossível a separação de idéias das ações, ou da teoria da prática. As crenças a respeito da heterossexualidade e homossexualidade influenciam profundamente as atitudes, as práticas, as teologias e a ação pastoral. Por isso, é fundamental que a Igreja discuta aberta e criticamente a heterossexualidade e a homossexualidade. Sem esta discussão intencional e crítica, corremos o risco de repetir cegamente atitudes sociais e crenças teológicas em vez de aceitar o desafio de construir uma fé viva e relevante.

Em termos da história recente, não seria exagero dizer que só os debates religiosos sobre a escravidão, no décimo oitavo século, o aborto, começando no meio da década de sessenta, e a ordenação de mulheres, mais intenso desde 1960, criaram reações semelhantes. Vale notar que cada um destes três debates trata direta ou indiretamente, de conflitos de direitos e responsabilidades, de liberdade de expressão e de sexualidade. É freqüente a falta de discussão e debate aberto relativo à homossexualidade o que o difere das outras questões. Foram debatidos abertamente os tópicos de aborto e da ordenação de mulheres em quase todos os níveis das igrejas cristãs ocidentais. É o caso dos Estados Unidos, da Europa, da Inglaterra, da Austrália, da África do Sul, e até certo ponto da América Central e da América do Sul.¹ Por outro lado, a questão da homossexualidade raramente experimenta o mesmo debate aberto. Enquanto discussões aquecidas aconteceram, pelo menos em contextos eclesiais e acadêmicos, entre algumas Igrejas protestantes na Nova Zelândia, na Austrália, na Alemanha, na Inglaterra e no Canadá há um silêncio profundo relativo ao assunto na América Central, na América do Sul e na África.² Isto não significa que o assunto não seja discutido. A implicação é que pelo menos em muitos países no mundo Ocidental, o nível de rejeição é tão intenso que as discussões não são vistas como necessárias, ou válidas. Isto varia de país para país, e de cultura para cultura. Esta diversidade de tratamento também reflete diversos fatores políticos, econômicos e sociais que influenciam a possibilidade e o tipo do debate.

Com respeito a culturas religiosas brasileiras, o silêncio é a resposta dominante. Há pouca, ou nenhuma discussão aberta a respeito da homossexualidade nos níveis eclesiais, ou acadêmicos. É difícil medir a presença de tais discussões no contexto das igrejas locais, mas o silêncio é provavelmente a norma.

As publicações que tratam da religião e homossexualidade em português tendem a refletir duas perspectivas radicalmente diferentes. Uma perspectiva rejeita a homossexualidade como sendo antibíblico, contra a ética cristã fundamental e uma forma antinatural da expressão sexual humana. Uma segunda perspectiva ampla baseia-se na desconstrução, ou leitura crítica de textos bíblicos e uma ética cristã que inclui a homossexualidade como possível expressão válida

¹ Alan A. Brash, *Encarando Nossas Diferenças*. São Leopoldo, Sinodal, 1998, p. 35-56.

² *Ibid*, p. 43-56.

da sexualidade humana. Há pouco, ou nenhum diálogo entre as duas perspectivas.

O propósito da discussão atual não é debater os aspectos técnicos do debate relativo à homossexualidade, ou defender uma perspectiva específica. As origens e as dinâmicas psicológicas, sociais, culturais e econômicas da homossexualidade só serão discutidas indiretamente. Não será apresentada nenhuma análise técnica de textos bíblicos, ou de éticas sexuais cristãs. Existem diversas publicações que tratam de cada um destes tópicos.³ O que será apresentado inicialmente é uma discussão básica sobre a sexualidade humana, a heterossexualidade, a homossexualidade e ética sexual cristã. Em seguida será oferecida uma descrição sintética de cinco perspectivas religiosas que dominam as discussões atuais a respeito da homossexualidade. Estas cinco perspectivas cabem dentro das duas perspectivas gerais, que podem ser chamadas "Tradicional / Conservadora" e "Progressiva / Liberal".

Como já mencionado, esta discussão não tentará defender qualquer perspectiva específica. A intenção será descrever como estas diversas interpretações religiosas entendem este fenômeno complexo. As atitudes, crenças, teologias e éticas a respeito da sexualidade humana, em geral, e a heterossexualidade e a homossexualidade, especificamente, influenciam profundamente a ação pastoral, o aconselhamento pastoral e a vida cotidiana de todas as comunidades religiosas. Por isso, a articulação destes elementos é de fundamental importância para a vida da Igreja. Estas descrições estarão baseadas em respostas a oito perguntas sobre a homossexualidade:

- 1) Qual a autoridade na qual se baseia o julgamento moral a respeito da homossexualidade e/ou dos atos homossexuais?
- 2) Qual a intenção de Deus para a sexualidade humana?
- 3) Quais os critérios necessários para a expressão sexual moral?
- 4) Existe "condição, ou orientação homossexual" e se existir, quais as suas fontes, causas, ou origens?
- 5) Qual o significado psicológico da homossexualidade?
- 6) Qual o significado espiritual da homossexualidade?
- 7) O homossexual pode tornar-se heterossexual?
- 8) À luz das perguntas 1 a 7, qual a opinião moral a respeito da homossexualidade?⁴

³ Veja: Alan A. Brash, *Encarando Nossas Diferenças: As Igrejas e Seus Membros Homossexuais*. São Leopoldo, Sinodal, 1998; Daniel A. Helminiak, *O que a Bíblia Realmente Diz sobre a Homossexualidade*. São Paulo, Edições GLS, 1994; James B. Nelson e Sandra Longfellow, *La Sexualidad y lo Sagrado*. Bilbao, Desclée de Brouwer, 1996; Vários, *Estudos Teológicos*, EST, Número 1, 1999, Ano 39; John Boswell, *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*. Chicago, The University of Chicago, 1980; Mandrágora, *Homossexualidade e Religião*. São Bernardo do Campo, UMESP, 1999; E.L. Azpitarte, *Ética da Sexualidade e do Matrimônio*. São Paulo, Paulus, 1977; A. C. Kinsey, *Homossexualidades - Informe Kinsey*. Madrid, E. Debate, 1979; J. Marmor, *Inversão Sexual*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1973 e; Wayne E. Meeks, *As Origens da Moralidade Cristã*, Tradução por Adaury Fiorotti. São Paulo, Paulus, 1997.

³ William H. Masters, Virginia E. Johnson e Robert C. Kolodny, *Sex and Human Loving*. Boston, Little, Brown and Company, 1982, p. 7.

⁴ Estas perguntas estão adaptadas de idéias apresentadas em: L. R. Holben, *What Christians Think about Homosexuality*. N. Richland Hills, BIBAL Press, 1999.

A intenção destas oito perguntas é incluir elementos teológicos, espirituais, psicológicos e sociais em termos do fenômeno da homossexualidade e como ele é entendido pelas duas perspectivas. Porém, as questões básicas a serem investigadas são a autoridade, a interpretação de autoridade, a natureza fundamental e o propósito da sexualidade. Como já assinalado, há uma falta de diálogo entre as duas amplas perspectivas.

A ÉTICA SEXUAL CRISTÃ - BREVE RESUMO

A intenção desta rápida apresentação não é discutir detalhadamente a história da ética sexual cristã. A meta é apenas esboçar algumas das tendências mais importantes nesta história complexa, a fim de entender melhor as influências históricas e atuais a respeito da ética sexual cristã, em geral, e a homossexualidade, especificamente. Por isso, serão discutidos sinteticamente só alguns períodos históricos, tradições e tendências.

A Tradição Hebraica Antiga

Não havia nenhuma sistematização dos códigos morais nas comunidades hebraicas antigas. Eram códigos simples e diretos, sem maiores elaborações, mas é possível identificar algumas tendências, ou tradições fundamentais.⁵ O casamento era central na tradição da moralidade sexual e qualquer ato que impedia, ou ameaçava a relação entre os cônjuges era proibido, como a prostituição, por exemplo. Durante séculos, a procriação era de fundamental importância. Por isso, a poligamia era aceitável, ou até relações sexuais com concubinas à luz de que não era a qualidade da relação no casamento que tinha a importância central, mas a procriação. É interessante notar que a masturbação era considerada um pecado, ou violação ética, "pior" do que as relações com prostituta, ou outra mulher, porque relações com outras mulheres poderiam gerar filhos.⁶ Atos sexuais inaceitáveis incluíam qualquer tipo de "emissão errada de sêmen".⁷ Isso significava qualquer tipo de relação, ou ato sexual que não poderia resultar na procriação - masturbação e atos homossexuais, por exemplo. Porém, os atos homossexuais foram condenados mais em função de sua identificação com a idolatria, ou com os cultos de outras religiões do que com a sexualidade, a "emissão errada de sêmen".⁸ O ideal na moralidade judaica era, quase sempre, o casamento monógamo que podia gerar filhos, mais no fim do período "clássico", mais ou menos 200 a.c., o casamento, ou a qualidade da relação entre marido e esposa ganhava mais importância.⁹ Isso aparentemente em função da estabilidade da população judaica em termos de números e, portanto, menos na necessidade de procriação.

⁵ Margareta Farley, "Sexual Ethics" in James B. Nelson e Sandra P. Longfellow (eds.) *Sexuality and the Sacred*. London, Westminster John Knox Press, 1994, p. 55.

⁶ Farley, loc.cit.

⁷ Farley, loc.cit.

⁸ Farley, loc.cit.

⁹ Ibid, p. 56.

A Ética Sexual na Igreja Primitiva

A ética sexual cristã nos primeiros séculos do cristianismo foi influenciada profundamente pela ética judaica, pela cultura romana e pelas diversas filosofias da época. Embora a ética judaica influenciava profundamente a Igreja Primitiva, a importância em explicar e defender as crenças da Igreja incentivou um discurso intensivo com as diversas escolas filosóficas e tradições religiosas dominantes. Em particular, o estoicismo influenciou profundamente a ética cristã, via sua ênfase no vínculo entre a sexualidade e a procriação. Segundo o estoicismo, o ato sexual é bom quando está ligado diretamente à procriação. Qualquer outro ato sexual era considerado inferior devido a seu desligamento da possibilidade da criação de nova vida. Esta ética sexual encontrou sintonia direta com as bases éticas da Igreja Primitiva, fundadas no judaísmo, e reforçou o vínculo entre a sexualidade e a reprodução.

A Ética Sexual de Agostinho

Agostino acreditava no valor positivo do casamento e da procriação, mas avaliava a sexualidade, ou pelo menos o desejo sexual como mau, por causa de sua tendência de incentivar atos e pensamentos pecaminosos. O mal para Agostino era o desejo sexual e não necessariamente o ato sexual, ou a procriação. O ato sexual era uma "necessidade" para assegurar a procriação e ajudar as pessoas a não pecarem fora do casamento. Na teologia de Agostino, o casamento tinha três funções: A criação de filhos, a fidelidade entre homem e mulher e a estabilidade social. Qualquer tipo de ato sexual fora do casamento, ou sem a possibilidade de gerar filhos era pecaminoso - sexo oral, anal, ou a masturbação, por exemplo. Para Agostino, o desejo sexual era pecaminoso porque interfere com as capacidades racionais e o autocontrole que levam a pessoa ter uma relação mais íntima com Deus.

A Ética Sexual de Tomás de Aquino

Tomás de Aquino reafirmou a centralidade da procriação na sexualidade e, assim, reforçou a ética sexual cristã de Agostino. Aquino reafirmou a racionalidade como o caminho que leva a pessoa a Deus e entendeu o desejo sexual como sendo um impedimento às relações com Deus, em função de sua natureza irracional. A função procriativa da sexualidade providenciou as normas básicas para sua ética sexual cristã. Como no pensamento de Agostino, não há nenhuma ligação entre a sexualidade humana e a felicidade, ou o amor humano. A procriação era a norma fundamental para a ética sexual. Aquino, como Agostino, eram contra qualquer método artificial de controle de natalidade, por causa da relação ética entre as relações sexuais e a procriação.

A Ética Sexual e a Reforma Protestante

Os Reformadores, Lutero e Calvino, não divergiram substancialmente da ética da Igreja Católica Romana. Os dois concordaram com a ligação ente a natureza pecaminosa do ser humano e o desejo sexual, mas debateram a importância da relação entre o casamento, a sexualidade e a espiritualidade. Eles afirmaram que a sexualidade humana era, como parte da criação de Deus, fundamentalmente boa, mas o desejo sexual era mau, porque interfere com as relações entre a pessoa e Deus. Lutero entendeu o casamento como uma maneira de lidar com o desejo sexual, ou a luxúria de uma forma controlada e socialmente aceitável. Calvino, também entendeu o casamento como maneira de evitar a luxúria, mas afirmou a importância fundamental da relação, ou da sociedade entre o marido e a esposa como parte do plano de Deus para o ser humano.

O debate na Reforma a respeito da sexualidade era menos em torno da relação entre a sexualidade e a procriação, um fato quase universalmente aceito na teologia da Reforma, e mais sobre a natureza e a função do casamento, inclusive a possibilidade, ou não de ter clérigos casados.¹⁰ A diferenciação entre as éticas da Igreja Católica Romana e as igrejas da Reforma era que a Igreja Católica baseava sua ética na "lei natural" e as igrejas da Reforma, na bíblia. Por isso, nas Igrejas da Reforma, a procriação não ocupava lugar tão central como na Igreja Católica, mas a ligação entre o pecado humano e o desejo sexual era fundamental. Isso, devido em grande parte, à influência de Agostino e Aquino. De qualquer forma, a sexualidade humana nas igrejas da Reforma era vista como sendo limitado, eticamente, às relações dentro do casamento, usando a bíblia como fonte de autoridade quase absoluta.

A Ética Sexual Cristã na Pós-Reforma

A ética sexual cristã nas Igrejas Protestantes e na Igreja Católica seguiu quase a mesma linha e argumentação durante séculos. A santidade do casamento e a função básica da sexualidade humana para a procriação eram os valores fundamentais. Elementos inovadores só entraram nos séculos XIX e XX com a valorização do vínculo entre o amor, a sexualidade e as relações entre cônjuges, no século XIX, e a introdução de métodos artificiais confiáveis do controle de natalidade na década de 1960. As Igrejas Protestantes aceitaram o controle artificial de nascimento, sem grande trauma, por causa da ênfase na autoridade da bíblia, em vez da teologia natural. A preocupação das Igrejas Protestantes a respeito do controle artificial de nascimento era em função do medo de que tal tecnologia incentivaria a "atividade sexual fora do casamento" e não no debate sobre o vínculo entre o ato sexual e a procriação.¹¹ As duas Igrejas aceitaram, sem grande debate, o valor da sexualidade na relação emocional entre o marido e a esposa.

Nas Igrejas protestantes, como na Igreja Católica, o casamento heterossexual continuou sendo quase o único lugar onde a sexualidade humana era valorizada, pelo menos como o ideal, em termos das relações sexuais, mas havia muito menos preocupação com atos tais como o sexo oral e anal e a masturbação do que na Igreja Católica, por causa da centralidade da procriação na ética católica.

¹⁰ Farley, p. 64.

¹¹ Farley, p. 65.

Nas duas Igrejas, a homossexualidade continua sendo considerada fora da "ordem natural" e "da vontade de Deus presente na bíblia", mas por motivos diferentes.¹² A Igreja Católica entende a homossexualidade como pecado por causa da impossibilidade da procriação e as Igrejas Protestantes em função da autoridade da bíblia. As diferenças fundamentais entre as duas éticas, católicas e protestantes, a respeito da sexualidade humana é a fonte de autoridade. Na Igreja Católica a teologia natural e as tradições da Igreja são as autoridades básicas. Nas Igrejas Protestantes, a autoridade da bíblia é central, com as tradições, ou a autoridade da Igreja sendo de importância secundária.

A HOMOSSEXUALIDADE - BREVE HISTÓRIA

Qualquer história é um ato, ou processo político. Isso significa que a pessoa que conta a história entende-a através de sua própria perspectiva. Por isso, contamos nossas histórias através de nossas próprias perspectivas, ou de nossas próprias necessidades. Esse é o caso da história da homossexualidade. Há duas escolas dominantes a respeito da história da homossexualidade. Uma escola, o essencialismo, acredita que a homossexualidade, como a relação íntima e profunda que envolve a autocompreensão, a identidade, a intimidade, a interligação, a proximidade e o compromisso entre pessoas do mesmo sexo, é uma realidade humana que existe em todos os tempos e em todas as culturas. A implicação desta idéia é que a auto-identificação como homossexual sempre existiu.

A segunda escola, a da construção social, acredita que a sexualidade é construída socialmente; até o fim do século XIX o conceito da homossexualidade não existia, só o da heterossexualidade. A homossexualidade era entendida como um ato no qual os heterossexuais participavam, de vez em quando, mas a única auto-definição sexual era a heterossexualidade. Por isso, a homossexualidade, como maneira de ser sexual, não existia por causa dos conceitos sexuais das culturas envolvidas. Logo, a auto-definição como homossexual só apareceu no século XIX. Não há como resolver esta questão. Mas é um debate fundamental dentro do estudo da sexualidade humana, por causa do vínculo entre a sexualidade e sentido, valores, interpretação e identidade.

Historicamente, a homossexualidade, ou as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, era aspecto relativamente comum das culturas gregas e romanas. Só em 533, dois séculos depois do cristianismo, que se tornou a religião semi-oficial do Império Romano, foram implementadas leis contra os atos homossexuais.¹³

Na idade média a homossexualidade era punida com a pena de morte, porque viola a lei moral, com base na Bíblia e a lei natural, segundo a Igreja Católica. No entanto, existem diversos relatórios de relações homossexuais nos mosteiros e conventos que, aparentemente, eram toleradas.¹⁴ Por exemplo, o Santo Aelred de Rievaulx, falecido em 1167, era conhecido por suas relações amorosas, mas aparentemente não sexuais, com outros homens.¹⁵

¹² Ibid, p. 66.

¹³ Holben, p. 2.

¹⁴ John Boswell, *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality*. Chicago, University of Chicago Press, 1980, p. 62.

¹⁵ Holben, p. 11.

Entre a Reforma Protestante e o século XIX, a homossexualidade era geralmente condenada por lei, mas as punições eram mais leves, geralmente punição por detenção.¹⁶ No entanto, existem relatórios da punição por morte de homossexuais na Inglaterra e na América do Norte, no século XVII.¹⁷ A lista de pessoas, reis, príncipes, bispos, clérigos, artistas, cientistas e autores, ligados à homossexualidade, ou com ligações amorosas com pessoas do mesmo sexo, é imensa.¹⁸ Geralmente, não havia nenhuma ação legal, ou eclesiástica, contra as pessoas nas câmaras altas da sociedade associadas com práticas, ou tendências homossexuais. As pessoas que sofreram mais as punições legais e eclesiásticas por terem praticado a homossexualidade, ou demonstrado vínculo amoroso com pessoas do mesmo sexo, eram das classes mais baixas.¹⁹

A função desta discussão não é justificar a homossexualidade, ou os atos homossexuais, através da história. A intenção é de destacar a idéia, ou o fato, de que a homossexualidade, ou os atos homossexuais, está presente em todos os períodos históricos no mundo ocidental.

O termo "homossexual" não existia antes de 1869, quando o autor Belga, K. M. Kentbeny, usou o termo para argüir contra as leis rigorosas contra a "sodomia", na Prússia.²⁰ No mesmo período, Karl Heinrich Ulrichs publicou uma série de artigos apoiando a existência de "almas" que têm atração para outras "almas" do mesmo sexo.²¹ Em 1890, na Prússia, Magnus Hirschfeld defendeu a idéia de que existe um "sexo intermediário", onde a pessoa normalmente se sente atraída igualmente pelas pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo.²²

De qualquer forma, a homossexualidade foi condenada até o fim do século XIX e a possibilidade da existência de "condição homossexual" nem foi contemplada. Neste período, a homossexualidade era considerada um pecado, ou um ato intencional contra a natureza.

Uma transição de fundamental importância ocorreu no fim do século XIX quando diversos médicos, especificamente Krafft-Ebing e Havelock Ellis, sugeriram que a homossexualidade não era um pecado, mas uma doença física, ou transtorno psicológico. Estas teorias surgiram de observações clínicas de que existem pessoas que experimentam atração para, ou identificação com pessoas do mesmo sexo e que esta atração, ou identificação dura a vida inteira. Durante esta época, o fenômeno era entendido como déficit biológico, ou neurológico.

Sigmund Freud foi o primeiro a estudar detalhadamente a relação entre a sexualidade e o desenvolvimento físico e emocional. Para Freud, as pessoas nascem com os impulsos sexuais não direcionados. O impulso sexual, segundo Freud, simplesmente é, pelo menos em crianças. O desenvolvimento "normal" leva a pessoa a expressar estes impulsos sexuais de maneiras heterossexuais. A homossexualidade é uma fixação num estágio de desenvolvimento emocional, ou a incapacidade de identificar-se com o pai, ou

¹⁶ Ibid, p. 3.

¹⁷ Ibid, p. 5.

¹⁸ Ibid, p. 6.

¹⁹ Boswell, p. 146.

²⁰ Holben, p. 6.

²¹ Holben, loc.cit.

²² Ibid, p. 7.

com a mãe. A identificação do menino com o pai, ou a menina com a mãe, cria a incorporação, ou a internalização do comportamento sexual de um homem, ou de uma mulher e o desenvolvimento da atração sexual para o sexo oposto. Logo, segundo esta teoria, a homossexualidade é devido a um desenvolvimento emocional, ou psíquico incompleto, ou imaturo.

Até a década de cinquenta, a homossexualidade era entendida como o resultado de traumas emocionais durante os primeiros anos de vida, ou o produto de famílias "patológicas", geralmente com mãe dominante e pai passivo, ou ausente. A homossexualidade era considerada um transtorno emocional, ou mental que afetava a estrutura inteira da personalidade e deixava a pessoa incapaz de integrar-se normalmente na cultura. Conseqüentemente, a Associação Americana de Psiquiatria incluiu, no seu manual de transtornos mentais, a homossexualidade como transtorno mental.

No nível cultural, nesta mesma época, a homossexualidade, pelo menos na América do Norte e na Europa, era considerada menos um pecado e mais uma doença e a maior parte das Igrejas Protestantes e a Igreja Católica Romana debateram a natureza da homossexualidade como doença, ou pecado. Não havia nenhum consenso, mas a tendência era de identificá-la como pecado.

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria desclassificou a homossexualidade como transtorno mental no seu manual de doenças mentais. Não havia consenso sobre esta decisão, mas a maioria da associação apoiou a decisão. As razões desta mudança são diversas e complexas, mas havia quatro argumentos fundamentais: 1) É impossível, clinicamente, demonstrar que os homossexuais exibem maiores níveis de problemas emocionais, ou desequilíbrios mentais do que a população em geral. Se a homossexualidade for transtorno de personalidade, esta população demonstraria níveis mais altos de desequilíbrio mental do que a população em geral. Isso não é o caso.; 2) Muitos homossexuais, talvez a maioria, vivem normalmente na sociedade e nem demonstram problemas significativos em termos de adaptar-se à cultura, nem níveis exagerados de criminalidade.; 3) Os homossexuais que querem mudar sua sexualidade têm grandes dificuldades e o nível de "mudança" é baixo.; 4) A psicologia social tem argumentado, persuasivamente, que muitos dos comportamentos "problemáticos", "estranhos", ou "neuróticos" de homossexuais não expressam problemas de personalidade, mas da rejeição social (homofobia). Em todo caso, o debate continua dentro do campo da psicologia e da psiquiatria. Não há nenhum consenso, mas a tendência é a de não classificar a homossexualidade como transtorno mental, ou emocional.

Em termos sociais, ou culturais há movimentos "Gay" que têm influência significativa e impacto político, pelo menos nos Estados Unidos e na Europa. Esta presença contribui para a "aceitação", ou para a "inserção" dos homossexuais nestas culturas. Em outras culturas, tais como o Brasil, não há este nível de organização e impacto social e político. Em tais culturas a "aceitação", "inserção", ou "impacto" dos homossexuais é restrito, freqüentemente, à categoria de "sub-cultura", ou presença socialmente marginalizada.

Ainda existe debate intenso sobre por que algumas pessoas são heterossexuais e outras homossexuais, ou sobre a natureza da sexualidade humana, mas até o presente não existe nenhuma teoria científica que explique, de maneira satisfatória, o fenômeno da homossexualidade. Com a falta de

informações, ou conclusões científicas convincentes a discussão atual a respeito da homossexualidade vem desenvolvendo-se no âmbito religioso, ético e social.

A SEXUALIDADE HUMANA, A HETEROSSEXUALIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

Não há nenhuma resposta simples à pergunta: "O que é a sexualidade humana?" A definição escolhida frequentemente reflete a perspectiva da pessoa, do grupo, ou da instituição que levanta a pergunta. A palavra "sexo" normalmente recorre ao gênero biológico, macho e fêmea, ou para os atos físicos que envolvem os órgãos genitais. A palavra "sexualidade" geralmente tem um significado muito mais amplo desde que recorra a todos os aspectos do ser sexual. A sexualidade geralmente recorre a uma dimensão da personalidade e das relações sociais e não só para a capacidade de resposta erótica.

A sexualidade humana envolve, pelo menos, as seguintes dimensões: biológica, psicossocial, comportamental e espiritual. Assim, a sexualidade humana inclui, no mínimo, a biologia, a personalidade, as relações sociais, os comportamentos específicos, o gênero, a política, a economia e a espiritualidade. A sexualidade humana vai além dos comportamentos específicos, das atitudes e dos desejos porque ela é parte integrante da personalidade, ou do senso de identidade e como nós nos relacionamos com o mundo. A personalidade, ou o senso de identidade é o espaço no qual o mundo interior da pessoa, ou a consciência interage com o social e o transcendente. Assim, a sexualidade humana é mais que uma lista de atitudes, sentimentos e comportamentos. Ela é uma parte integrante de como os seres humanos existem no mundo. É uma parte integrante do ser.

Os fatores biológicos na sexualidade humana geralmente controlam o desenvolvimento sexual e a habilidade de reproduzir, bem como também influenciam o desejo e o funcionamento e, indiretamente, a satisfação.²³ É importante salientar que os fatores biológicos controlam o desenvolvimento e a capacidade de reproduzir, mas só influenciam os processos complexos do desejo, do funcionamento e da satisfação. Assim como o desejo, o funcionamento físico e a satisfação incluem o elemento biológico, eles também são influenciados por fatores psicossociais. A estimulação sexual produz respostas biológicas específicas nos seres humanos, mas há muito debate sobre porque certas experiências geram tipos específicos de excitação sexual. O desejo, o funcionamento físico e a satisfação envolvem uma combinação de capacidades biológicas e fatores psicossociais.²⁴

O aspecto psicossocial da sexualidade humana inclui as dinâmicas psicológicas, as emoções, os pensamentos e a personalidade em combinação com os elementos sociais, ou como as pessoas interagem entre si.²⁵ As questões de gênero entram pelo senso pessoal do ser masculino, ou feminino e pelos papéis sociais e atitudes que compõem o contexto cultural. O elemento social, ou cultural, da sexualidade humana entra diretamente pelas leis, tabus, família e pressões de grupo que reforçam, ou castigam, certos comportamentos

²³ Masters, Johnson e Kolodny, op. cit., p. 7.

²⁴ Masters, Johnson e Kolodny, op. cit., p. 4-11.

²⁵ Masters, Johnson e Kolodny, op. cit., p. 7.

e atitudes sexuais. Estes variam tremendamente entre culturas, mas em quase todas as culturas há uma influência profunda sobre o que significa ser sexual.

As dimensões comportamentais da sexualidade humana são influenciadas, se não controladas, pela biologia e pelos fatores psicossociais, ou seja, por ambos. Assim, o comportamento sexual não pode ser limitado às ações específicas, mas deve ser entendido à luz das questões de como e porquê, ou do contexto social e da interpretação pessoal. Na sexualidade humana as ações e os significados estão sempre unidos.

A dimensão espiritual da sexualidade humana relaciona-se às relações entre nosso mundo interno, ou identidade, e à transcendência. Neste sentido, a espiritualidade é compreendida como os modos pelos quais as pessoas relacionam-se, intelectual, emocional e fisicamente para aquilo que é, no fim das contas, real e de valor, ou que dá valor ao ser.²⁶ A espiritualidade é o padrão, ou a integração da nossa experiência total e o universo de significado. Desde que a sexualidade é parte integrante do ego, ou da consciência e de nossas relações com o mundo ao redor de nós, ela participa do processo de como nós relacionamos, ou experimentamos aquilo que nos transcende.

É perigoso propor uma "definição" da sexualidade humana por causa da complexidade do conceito e devido às atitudes culturais diversas que influenciam a discussão. Uma descrição ampla, e individualista, da sexualidade humana é que ela está "onde as motivações emocionais e psicológicas mais profundas para a auto-revelação, a intimidade, a interligação, a proximidade e o compromisso ... encontram-se numa outra pessoa".²⁷ Esta descrição reflete um entendimento individual, ou interpessoal e emocional da sexualidade humana. Uma descrição mais ampla da sexualidade humana é que ela "é nosso modo de estar no mundo como pessoas de gênero, com estruturas biológicas de macho ou fêmea e a autocompreensão socialmente interiorizadas desses significados...".²⁸ Conseqüentemente, a sexualidade humana envolve os sentimentos, os pensamentos e as atitudes sobre o ego e o corpo e como eles se relacionam com o mundo. A sexualidade humana envolve ter e ser um corpo e a constelação complexa de relações que estas duas dimensões de ser geram. A sexualidade humana, por conseguinte "é o desejo para a intimidade e a comunhão emocional e física. É a base fisiológica, psicológica e social de nossa capacidade para amar."²⁹ Embora a palavra "amor" nesta citação é aberta a várias interpretações, a implicação desta definição é que a relação é um elemento central na sexualidade humana. A sexualidade humana inclui as relações físicas, emocionais e espirituais. As relações genitais são freqüentemente a categoria mais associada com a sexualidade humana, mas este é só um aspecto do desejo fundamental para contato, ou comunhão que é característica básica da sexualidade humana.

HETEROSSEXUALIDADE

²⁶ James B. Nelson, *The Intimate Connection*. Philadelphia, Westminster, 1988, p. 21.

²⁷ James Nelson, op. cit., p. 26. (tradução do autor)

²⁸ Ibid, p. 26. (tradução do autor)

²⁹ Ibid, p. 26. (tradução do autor)

Uma definição da heterossexualidade é que ela é a atração psicosssexual predominante e exclusiva por pessoas do sexo oposto.³⁰ Outra definição ampla é que a heterossexualidade é a preferência sexual para, ou atividade sexual com, pessoas do sexo oposto.³¹ Diversas outras definições da heterossexualidade usam os mesmos conceitos básicos, mas substituem a palavra "preferência" para a frase "orientação para". A palavra "preferência" implica uma escolha intencional, ou consciente. A palavra "orientação" implica um aspecto mais fundamental da biologia ou da personalidade onde não é considerada que a sexualidade é "escolha" ou "preferência", mas um aspecto integral de ser.

HOMOSSEXUALIDADE

Uma definição da homossexualidade é que ela é a atração psicosssexual predominante e exclusiva por pessoas do mesmo sexo.³² Outra definição ampla é que a homossexualidade é a preferência sexual para, ou atividade sexual com, pessoas do mesmo sexo.³³ A mesma discussão relativa ao uso das palavras "preferência" e "orientação" entra na definição da homossexualidade.

Estas definições são geralmente aceitas. Ambas as definições podem ser consideradas minimalistas porque provêm só as informações básicas para categorizar, ou descrever o comportamento. O debate relativo à primeira definição trata do uso da palavra "exclusivo". Os dados clínicos contradizem claramente a definição de que a "atração psicosssexual exclusiva" por pessoas do sexo oposto significa que um indivíduo nunca, em qualquer idade ou de forma alguma, experimentou atração por pessoa do mesmo sexo.³⁴ Se "atração exclusiva" incluir a atividade sexual e a fantasia, então excluiria aproximadamente 37 por cento de machos³⁵ e 28 por cento de fêmeas³⁶. Estes números variam de estudo a estudo³⁷, mas o que é importante é que a pesquisa clínica indica que nem "heterossexual" nem "homossexual" são categorias absolutas.³⁸ A sexualidade humana é um fenômeno biológico, psicossocial, comportamental e espiritual altamente complexo que existe num contínuo. Uma definição, ou descrição mais realista de heterossexual e homossexual incluiria as frases "orientação predominante" e "atividade sexual predominante com" em vez de usar termos categóricos.

³⁰ W. Reich, "Heterosexuality", *Encyclopedia of Bioethics*, vol. 2. New York, Collier, Macmillan, 1978, p. 667.

³¹ John H. Gagnon, *Human Sexuality*. Palo Alto, Scott, Foresman and Company, 1977, p. 422.

³² W. Reich, op. cit, "Homosexuality", p. 671.

³³ John H. Gagnon, op. cit, p. 422.

³⁴ Veja: A. C. Kinsey, et al, *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, Saunders, 1948; A. C. Kinsey, et al, *Sexual Behavior in the Human Female*. Philadelphia, Saunders, 1953; Sharon Hite, *The Hite Report*. New York, Dell, 1977; A. Karlen, *Sexuality and Homosexuality: A New View*, New York, Norton, 1971; W. H. Masters and V. E. Johnson, *Human Sexual Response*. Boston, Little, Brown, 1961.

³⁵ A. C. Kinsey, 1948.

³⁶ A. C. Kinsey, 1953.

³⁷ See for example: Hite, op. cit., 1977.

³⁸ A. Karlen, op.cit.

DUAS PERSPECTIVAS RELIGIOSAS DOMINANTES³⁹

O título desta seção pode ser inadequado. Há uma imensa variedade de interpretações da homossexualidade dentro de tradições Cristãs ocidentais. A escolha para indicar a existência de duas perspectivas dominantes é puramente pedagógica. Dentro das denominadas perspectivas "Tradicional / Conservadora" e "Progressiva / Liberal" há uma variedade enorme de considerações a respeito da homossexualidade. Porém, os temas principais apresentados são descrições válidas dos entendimentos amplos destas duas perspectivas religiosas.

É possível descrever estas duas posições gerais, ou tendências, em função das atitudes características a respeito da autoridade, da interpretação da autoridade e dos pressupostos básicos a respeito da relação entre a sexualidade e o matrimônio. A perspectiva "tradicional/conservadora", pelo menos dentro das igrejas protestantes históricas, geralmente usa a Bíblia como a autoridade definitiva. A tradição, a razão e a experiência são freqüentemente incluídas nas discussões, mas estes três elementos são freqüentemente interpretados à luz da autoridade da Bíblia. As discussões da homossexualidade começam com o pressuposto da autoridade da Bíblia e da tradição, a razão e a experiência são interpretadas, ou usadas, como fontes secundárias de autoridade. A interpretação da Bíblia varia do literal até o uso cuidadoso da alta crítica da Bíblia. A expressão "uso cuidadoso de alta crítica da Bíblia" significa que tais recursos podem ser usados para melhor entender os textos bíblicos, mas há debate intenso quando contradizem fundamentalmente "a interpretação tradicional" de um texto. Há uma variedade de estudiosos que usa a alta crítica da Bíblia a respeito da homossexualidade, mas aproxima a tarefa "de uma perspectiva nitidamente evangélica" ou "conservadora".⁴⁰ Estes estudiosos freqüentemente desafiam as interpretações de estudiosos mais "liberais". As interpretações "evangélicas" são as mais aceitas dentro da perspectiva "tradicional/conservadora".

O entendimento básico da relação entre a sexualidade e o matrimônio, ao menos dentro das tradições protestantes, é que o matrimônio fornece o único espaço moralmente legítimo para a expressão sexual. Por exemplo, a masturbação como expressão da sexualidade fora do matrimônio é aceitável, mas é uma forma "menos perfeita, ou preferível" de ser sexual. Ela é raramente condenada, mas desde que ocorra fora dos relacionamentos maritais, é menos legítima em termos da ética sexual cristã.

A perspectiva "Progressiva / Liberal" é tão complexa e variada quanto à "Tradicional / Conservadora". O que geralmente distingue esta perspectiva é o uso de uma variedade de fontes de autoridade, enquanto também tenta manter a Bíblia como fonte central, ou básica de autoridade. A alta crítica da Bíblia é geralmente usada e aceita como um meio válido e importante de interpretar a autoridade da Bíblia. Também são aceitas a tradição, a razão e a experiência como tendo graus variados de autoridade. A diferença é que a

³⁹ Uma versão desta seção será publicada em: *Estudos de Religião*, número 24, São Bernardo do Campo, UMEESP, 2003.

⁴⁰ Veja, por exemplo: Greg Bahnsen, *Homosexuality: A Biblical View*. Grand Rapids, Baker Book House, 1978 e; David Atkinson, *Homosexuals in the Christian Fellowship*. Grand Rapids, Eerdmans, 1979.

perspectiva "Progressiva / Liberal" tende a dar para estas fontes de autoridade mais peso do que as perspectivas mais tradicionais, ou conservadoras. Este uso de autoridades variadas freqüentemente cria mais diversidade de perspectivas e, freqüentemente, conflitos, dentro da perspectiva "Progressiva / Liberal" do que está presente na "Tradicional / Conservadora".

A compreensão básica da relação entre a sexualidade humana e o matrimônio é que a relação de matrimônio provê o "moralmente preferível" em vez de "único" espaço moralmente legítimo para a expressão sexual. Por exemplo, a masturbação como uma expressão de sexualidade fora do matrimônio é considerada totalmente legítima. As opiniões a respeito da legitimidade moral de relações sexuais entre duas pessoas solteiras variam. A tendência dominante dentro desta perspectiva é que o matrimônio representa o espaço ideal para relações sexuais, mas há um grupo significativo que defende uma ética na qual todas as relações sexuais deveriam ser julgadas em termos da presença de elementos tais como o amor, o compromisso, a mutualidade, o respeito e o desejo para a autotranscendência. As relações sexuais dentro do contexto do matrimônio são vistas, em geral, como a expressão moral mais legítima da sexualidade humana. Aqui entram na discussão as dimensões diversificadas da sexualidade humana e da qualidade da relação.

HOMOSSEXUALIDADE: PERSPECTIVAS "TRADICIONAIS / CONSERVADORAS"

Antes de discutir as convicções específicas relativas à homossexualidade, é importante distinguir a diversidade de atitudes dentro desta perspectiva. Há três atitudes gerais, embora simplificadas, a respeito da homossexualidade dentro desta perspectiva. A atitude mais conservadora pode ser descrita como a condenação. O homossexual, é considerado como pessoa em rebelião direta, consciente e intencional contra a vontade revelada de Deus e o dever da igreja é condenar tais pessoas e comportamentos. Embora haja uma minoria dentro desta perspectiva que apóia a condenação, este grupo é altamente expressivo. Este grupo oferece pouca, ou nenhuma atenção pastoral aos homossexuais.

Uma segunda atitude geral dentro desta perspectiva também acredita que a homossexualidade é uma rebelião direta, consciente e intencional contra a vontade revelada de Deus, mas acredita que a cura é possível. Por isso, a responsabilidade pastoral da Igreja é oferecer a esperança e os meios de cura, ou de transformação.

Um terceiro grupo dentro desta perspectiva tende a ser mais aberto à evidência científica e as necessidades de homossexuais. Este grupo entende a homossexualidade como pecado, mas coloca menos ênfase na escolha intencional. Isto é devido à aceitação de teorias científicas que entendem a homossexualidade como parte integrante da personalidade. Embora a homossexualidade seja entendida como sendo contra a vontade revelada de Deus e a ordem natural, ela é considerada como sendo predisposição e não escolha. Este grupo freqüentemente adota uma atitude pastoral de "aceitar o pecador mas rejeitar o pecado".

1) Qual a autoridade na qual se baseia o julgamento moral a respeito da homossexualidade e/ou dos atos homossexuais?

De acordo com esta perspectiva, como com qualquer questão moral, a única autoridade definitiva é a vontade revelada de Deus, presente na Palavra de Deus, a Bíblia. Na interpretação mais conservadora desta autoridade, a Bíblia é entendida como estando além de toda a influência cultural, ou histórica e reflete a vontade e o caráter permanente de Deus. Conseqüentemente, a autoridade da Bíblia é inquestionável e universal.

"Para o verdadeiro discípulo de Cristo, os limites morais não são definidos pelo homem, mas somente e sempre por Deus...O juiz supremo pelo qual todas as controvérsias religiosas devem ser julgadas e todas as opiniões humanas examinadas é, sem exceção, o Espírito Santo que fala nas Escrituras Sagradas....a ética cristã não tem sua fonte na autoridade humana, mas na palavra revelada de Deus."⁴¹

A única exceção a esta compreensão da autoridade e interpretação da Bíblia são as leis cúllicas encontradas no Antigo Testamento. Estas leis são vistas como esforços iniciais para seguir a vontade de Deus. O que vale atualmente para o cristão é o trabalho redentor de Cristo, que substitui estas exigências específicas.

A outra fonte de autoridade que é considerada, às vezes, como tendo legitimidade é "a natureza". O conceito "lei natural", no sentido usado na teologia moral Católica, quase nunca entra nas discussões entre protestantes de cunho conservador. Entretanto, há teólogos conservadores protestantes que usam a "natureza" de maneiras similares, mas sempre como meios de reforçar os ensinamentos e princípios bíblicos.⁴² Em termos da discussão a respeito da homossexualidade, o argumento é que as diferenças físicas e complementares entre o macho e a fêmea, em termos de reprodução, reforçam a finalidade revelada por Deus para a sexualidade humana.⁴³

2) Qual a intenção de Deus para a sexualidade humana?

"Da narrativa de Gênesis, que Jesus fez parte de seu próprio ensino, sabemos que Deus ordenou a vida heterossexual para os seres humanos e que a união monógama de Adão e Eva, como "uma só carne", é o padrão da intenção de Deus para a família humana. Neste contexto de relação, tanto a procriação da raça quanto a satisfação sexual do indivíduo são encontradas naturalmente."⁴⁴

3) Quais os critérios necessários para a expressão sexual moral?

⁴¹ Greg Bahnsen, *op. cit.*, p. 14.

⁴² L. R. Holben, *What Christians Think about Homosexuality*. North Richland Hills, Bibal, 1999, p. 32.

⁴³ *Ibid.*, p. 32.

⁴⁴ Carl F. H. Henry, "In and Out of the Gay World," in W. Dwight Oberholtzer, ed., *Is Gay Good? Ethics, Theology and Homosexuality*. Philadelphia, Westminster, 1971.

A única forma, ou contexto, moralmente legítima para a expressão sexual está dentro do matrimônio heterossexual. A atividade homossexual contradiz estes critérios necessários porque acontece entre pessoas do mesmo sexo e está fora de uma relação matrimonial reconhecida. Dentro das tradições protestantes históricas, a moralidade de qualquer ato sexual não é determinada pela possibilidade da procriação, como na teologia moral Católica Romana, mas por sua presença em um matrimônio monógamo heterossexual. Uma das conseqüências deste tipo de imperativo moral é que qualquer ato sexual fora do matrimônio monógamo heterossexual experimenta validade moral diminuída.

4) Existe "condição, ou orientação homossexual" e se existir, quais as suas fontes, causas, ou origens?

De acordo com esta perspectiva, não há nenhum reconhecimento de uma "condição homossexual" na Bíblia. Então, a condição não existe. A única "condição sexual" e "experiência natural" reconhecida pela autoridade da Bíblia está entre o macho e a fêmea. O uso do conceito "condição homossexual" é uma racionalização para justificar o pecado intencional e auto-escolhido, ou rebelião contra Deus. O que é reconhecido na Bíblia é a rebelião intencional e espiritual, ou a depravação em seres humanos. Isso é o pecado original.

Uma interpretação comum do desenvolvimento da ilusão de uma "condição homossexual" reflete um processo de três passos: 1) a experiência homossexual; 2) o vício para tal experiência, e; 3) a falsa identidade. A implicação desta interpretação é que todo o comportamento homossexual é aprendido e, até certo ponto, conscientemente escolhido.

5) Qual o significado psicológico da homossexualidade?

Embora haja considerável discussão relativo a esta pergunta, a resposta mais comum é que os homossexuais são incapazes de amar. O desejo homossexual é sempre um produto da rebelião e luxúria. Assim, o conceito da atração, ou amor homossexual é uma contradição.

Dentro desta perspectiva, há uma variedade de interpretações relativa à natureza psicológica da homossexualidade. As perspectivas mais conservadoras entendem o comportamento homossexual como sendo sempre predatório. As interpretações mais moderadas incluem a possibilidade de que pode haver a atração genuína entre homossexuais, mas por causa da natureza pecadora e da fragmentação do ego características da homossexualidade, qualquer atração é logo transformada em luxúria de narcisismo. As perspectivas que reconhecem a possibilidade de alguma atração genuína entre os homossexuais usam esta possibilidade como base para oferecer a esperança de cura, ou transformação. Por isso, a atração homossexual, de acordo com esta perspectiva, pode ser redirecionada para a atração heterossexual.

6) Qual o significado espiritual da homossexualidade?

Seguindo o argumento apresentado com respeito à pergunta anterior, o desejo homossexual, ou a cobiça é considerado um ato de rebelião espiritual. Por conseguinte, o comportamento homossexual é rebelião contra o manifesto vontade de Deus e é idólatra. O único elemento espiritual positivo que esta posição geral associa com a homossexualidade é a possibilidade de experimentar o afeto genuíno. Isto possibilita o potencial de abertura à verdadeira vontade de Deus, em termos de experimentar as relações de amor heterossexuais.

7) O homossexual pode tornar-se heterossexual?

Esta pergunta recebe diversas respostas dentro desta perspectiva. Porém, em geral a homossexualidade é compreendida como pecado consciente e comportamento aprendido. Por isso, o comportamento homossexual pode ser dirigido para as respostas heterossexuais. Há duas perspectivas a respeito desta reorientação: "Cura através da Conversão" e "Cura por Conversão e Intervenção Terapêutica". A perspectiva "Cura através de Conversão" acredita que a aceitação de Cristo como Deus e Salvador é suficiente para transformar o homossexual em um heterossexual. Isto tende a ser uma opinião minoritária.

A perspectiva "Cura através de Conversão e Intervenção Terapêutica" acredita no poder curativo da conversão, mas enfatiza a natureza profunda deste pecado. Assim, será necessária alguma forma de aconselhamento. A maioria dos representantes desta posição favorece alguma forma de aconselhamento cristão, ou bíblica e não confia em formas "puramente seculares" de terapia.

8) À luz das perguntas 1 a 7, qual a opinião moral a respeito da homossexualidade?

Há quase um universal acordo dentro desta posição, relativo a esta questão. Os atos e desejos homossexuais são sempre e, sem exceção, pecado. Os homossexuais que não se arrependem de seu pecado e não reformam suas vidas são destinados à condenação eterna. A pressuposição básica é que nenhuma pessoa pode ser cristã e, ao mesmo tempo, ou em termos de identidade ou ação, homossexual.

Esta posição é moderada, em alguns momentos, pelo reconhecimento de que todos os seres humanos são pecadores e precisam da Graça de Deus. Porém, desde que a homossexualidade seja compreendida como a rebelião intencional e consciente contra Deus, um comportamento apreendido e repetido, é um pecado excepcionalmente sério. Isto indica uma hierarquia sutil de pecado. As pessoas, cujos pecados são "menos intencionais", ou "não intencional" e que buscam seguir ativamente a vontade de Deus ocupam uma categoria que é qualitativamente diferente de pessoas cujos pecados são "intencionais" e não buscam ativamente fazer a vontade de Deus.

Outro elemento que entra na opinião moral relativa à homossexualidade tem a ver com a questão da violência. Dentro das interpretações mais conservadoras, os homossexuais são entendidos como predadores que buscam

"sujar", ou "conquistar" outros homossexuais e heterossexuais. O processo dos três passos no desenvolvimento da homossexualidade, ou da prática homossexual;- 1) a experiência homossexual; 2) o vício, e; 3) a falsa identidade - reflete a convicção implícita de que os homossexuais ativamente procuram outras pessoas, freqüentemente os adolescentes, para a satisfação sexual. Assim, os homossexuais são vistos como agressivos, ou predatórios em termos da satisfação sexual pessoal e isto conduz à reprodução do comportamento por aprendizagem, ou associação.

As perspectivas mais moderadas dentro desta posição acreditam que a homossexualidade é principalmente aprendida por associação passiva. Este conceito coloca a responsabilidade pela homossexualidade como comportamento aprendido, na sua presença na mídia, na cultura geral, e nos homossexuais na comunidade. Esta perspectiva não identifica os homossexuais como sendo agressivos, ou predatórios. Embora esta posição não vincule a homossexualidade com a agressão, a natureza pecadora da homossexualidade permanece incontestada.

Observações Gerais

No meio das muitas diferenças presentes nesta perspectiva, há um consenso geral de que os atos homossexuais são um mal intrínseco e, por isso, nunca uma opção moral aceitável. A autoridade moral para esta avaliação é a Bíblia. Uma tensão importante nesta perspectiva tem a ver com a interpretação da autoridade da Bíblia. Há forte consenso de que a atividade sexual, com exceção da masturbação, fora do matrimônio heterossexual é uma violação da vontade de Deus para a sexualidade humana. Porém, há diversos conflitos entre os elementos mais conservadores e liberais neste grupo. Estes conflitos destacam questões da etiologia da homossexualidade, das conseqüências psicológicas do comportamento homossexual, e de como a Igreja deveria tratar dos homossexuais.

Os membros mais conservadores desta perspectiva descrevem a homossexualidade como um comportamento aprendido por relações sexuais abusivas nos quais um homossexual assalta, ou seduz um jovem heterossexual. Assim, os homossexuais são vistos como agressivos, abusivos e obcecados com o sexo. Os homossexuais são descritos como pessoas incapazes de sentir, ou expressar amor e compaixão e que têm dificuldades de manter qualquer tipo de relação social normal. Isto reflete a convicção de que a homossexualidade é uma patologia que afeta a personalidade inteira. O resultado desta avaliação é uma atitude de condenação e rejeição.

Os membros mais moderados desta perspectiva acreditam que é necessária uma separação entre as implicações dos ensinamentos fundamentais da Bíblia e as avaliações psicológicas e sociais da homossexualidade. Embora apoiando a convicção básica de que a atividade sexual fora do matrimônio heterossexual seja uma violação da vontade de Deus, este grupo é mais aberto aos dados psicológicos e sociológicos relativo ao comportamento homossexual. Como resultado, este grupo entende a etiologia da homossexualidade como uma questão não resolvida, rejeita a associação da homossexualidade com as relações sexuais abusivas e reconhece que a maioria dos homossexuais funciona normalmente dentro da sociedade. Enquanto esta perspectiva aceitar o debate continuado relativo à etiologia da homossexualidade, continuará apoiando a

posição de que o comportamento homossexual é aprendido, ou escolhido intencionalmente. Por conseguinte, esta perspectiva focaliza a cura, ou a supressão do desejo homossexual e entende que a Igreja tem uma responsabilidade pastoral para auxiliar os homossexuais. Isso significa a cura da homossexualidade.

É interessante notar que há uma falta de argumentação bem-articulada relativo à homossexualidade nesta perspectiva. Poucos teólogos evangélicos conservadores intencionalmente abordam este tópico. Em termos das perspectivas mais conservadoras, isto é devido à convicção, quase incontestada, de que a Bíblia é a autoridade inquestionável em todas as questões éticas, ou morais. A maioria dos textos, ou das discussões, simplesmente cita a Bíblia e apresenta as implicações aparentemente óbvias. Há pouca, ou nenhuma discussão teológica intencional, ou acadêmica.

Os teólogos evangélicos mais moderados, freqüentemente baseiam seus argumentos na autoridade bíblica, mas incluem argumentos que vêm da lei natural. Este grupo cita vários estudos científicos que apóiam as relações entre o comportamento humano e a lei natural. Porém, há pouca discussão acadêmica intencional da questão e as questões metodológicas a respeito da lei natural raramente entram no debate.

Esta falta de textos, ou de discussões bem elaboradas complica a apresentação desta perspectiva. As interpretações e conclusões apresentadas neste ensaio, em termos da perspectiva "Tradicional / Conservadora", refletem os esforços deste autor para descrever as tendências gerais. Devido à falta de discussão acadêmica intencional, estas interpretações foram alcançadas analisando os argumentos formais, bem como tentando entender as implicações de diversas atitudes e práticas por parte dos vários grupos que compõem esta perspectiva geral.

HOMOSSEXUALIDADE: PERSPECTIVAS "PROGRESSIVO / LIBERAIS"

A diversidade dentro desta perspectiva é até maior do que no grupo "Tradicional / Conservador". Embora haja falta de literatura formal que trate das questões da homossexualidade de uma perspectiva mais conservadora, há considerável discussão acadêmica, ou formal, dentro da perspectiva "Progressivo / Liberal". Isto reflete, provavelmente, o uso da alta crítica da Bíblia e o diálogo com os estudos científicos relativos à homossexualidade que caracterizam a aproximação desta perspectiva.

A perspectiva "Progressiva / Liberal" pode ser dividida em três grupos gerais. Um grupo, representado pelo trabalho de Helmut Thielicke, apóia a possibilidade da expressão homossexual moralmente aceitável. Embora tal expressão sexual nunca pôde ser afirmada, idealizada, ou sancionada, é uma possibilidade dentro de contextos específicos e limitados. A homossexualidade não é compreendida como um mal intrínseco, mas como uma expressão sexual imperfeita que acontece em um mundo imperfeito.

Um segundo grupo, representado pelo pensamento de W. Norman Pittinger, afirma a homossexualidade como um bem positivo. Este grupo apresenta uma abordagem ética qualitativamente diferente das perspectivas

anteriores. Pittinger e outros autores⁴⁵ defendem uma moral baseada na qualidade da relação. Tanto a Bíblia quanto a tradição são usadas para defender uma moral na qual as características tais como o amor, o respeito, a compaixão, a autotranscendência, o compromisso e a fidelidade são as normas éticas fundamentais pelas quais todas as relações sexuais devem ser julgadas. Portanto, as relações heterossexuais e homossexuais devem ser avaliadas em termos da qualidade da relação e não do sexo do parceiro.

Uma terceira perspectiva trata da homossexualidade de uma perspectiva de liberação. Este grupo delimita a discussão menos em termos da questão específica da homossexualidade e mais da opressão e libertação. Os homossexuais são vistos como um grupo oprimido que sofre das estruturas repressivas do sexismo, da misógina, do patriarca, do heterossexismo e da injustiça política e econômica. A Teologia de Liberação Gay é um fenômeno bastante novo e, por isso, tende a basear-se em princípios amplos e não tem a argumentação ética, ou teológica bem trabalhada. Por isto, esta apresentação focalizará as duas primeiras perspectivas dentro deste grupo.

1) Qual a autoridade na qual se baseia o julgamento moral a respeito da homossexualidade e/ou dos atos homossexuais?

Esta é uma questão fundamental neste grupo. Helmut Thielicke aproxima-se da questão por uma perspectiva na qual a Bíblia deve ser respeitada como autoridade fundamental da religião cristã, mas os textos pertinentes à homossexualidade devem ser interpretados dentro dos contextos culturais. Thielicke defende a idéia de que os escritores bíblicos não estavam cientes da realidade de que a sexualidade fundamental de algumas pessoas é dirigida para o mesmo sexo.⁴⁶ Esta perspectiva usa a alta crítica da Bíblia como sua ferramenta básica para entender e interpretar a autoridade da Bíblia.

A perspectiva representada por W. Norman Pittinger reconhece a importância da alta crítica da Bíblia na questão da homossexualidade, mas vai além disto para discutir o significado da revelação. Ela começa com a autoridade dos textos bíblicos a respeito da homossexualidade, mas dá ênfase considerável à idéia de que a revelação é uma interação contínua entre Deus e a criação. Por este motivo, a razão e a experiência devem ser incluídas em qualquer discussão a respeito da vontade de Deus, ou em qualquer interpretação bíblica. Esta aproximação enfatiza a importância de reconhecer que os escritores bíblicos não estavam cientes da existência de uma orientação homossexual e assim a Bíblia foi escrita na perspectiva de que a heterossexualidade era a norma sexual humana.

Ambos os grupos levantam uma pergunta semelhante relativo à autoridade moral: "O que diz e significa a Bíblia para nós hoje?". Uma perspectiva dá mais peso à alta crítica da Bíblia, enquanto a outra inclui a alta crítica bíblica e questões relativas à natureza da revelação.

Ambas as perspectivas levantam diversas questões fundamentais relativas à autoridade da Bíblia com respeito à homossexualidade, ou qualquer outra questão moral:

⁴⁵ W. Norman Pittinger. *A Time for Consent*. London, SCM Press, 1976 e; H. Kimball Jones. *Towards a Christian Understanding of the Homosexual*. New York, Association Press, 1966.

⁴⁶ Helmut Thielicke. *Theological Ethics: Volume 3*. New York, Harper and Row, 198, p. 283.

- 1) o que dizem as palavras do texto (tradução);
- 2) qual é a mensagem planejada do texto (exegese);
- 3) quais são os efeitos da intenção e da cosmovisão do autor do texto em termos das aplicações contemporâneas, e;
- 4) qual é a relação do texto com a mensagem maior da Bíblia?

Tanto o texto bíblico, quanto a natureza de revelação são fontes da autoridade definitiva moral. Conseqüentemente, a autoridade moral é determinada por um diálogo constante entre o texto bíblico, a razão, a experiência, a tradição, a cultura e a comunidade. Em termos da questão de autoridade, Peter Gomes oferece uma observação interessante que reflete uma convicção básica dentro desta perspectiva: "É impossível evitar a interpretação... ler é interpretar".⁴⁷ Assim, uma crença fundamental desta perspectiva, em termos de autoridade, é que a razão e a experiência humana devem estar num diálogo intencional com as palavras literais do texto bíblico, a fim de evitar a distorção. A revelação é entendida como sendo interativa e dinâmica e, por isso, uma pergunta fundamental tem a ver com a quais elementos deveriam ser dados maior importância. Em termos da homossexualidade, esta perspectiva tende a dar a "experiência relativamente moderna da existência de uma orientação homossexual"⁴⁸ peso considerável em termos da definição e interpretação de autoridade.

Em termos da autoridade fundamental, há uma diferença básica entre estas duas perspectivas. A perspectiva representada por Helmut Thielicke começa com pressuposições baseadas em interpretações bíblicas e tradições da Igreja, relativamente tradicionais, que afirmam a centralidade do matrimônio heterossexual e a procriação. A perspectiva representada por W. Norman Pittinger começa com outros pressupostos éticos. De acordo com esta perspectiva, a verdade, ou mensagem bíblica fundamental é que Deus é amor e Deus é justo.⁴⁹ Desde que os seres humanos são feitos à imagem de Deus, eles são chamados a viver de modo que expresse a justiça e o amor divinos. Este é o mandamento fundamental da Bíblia. Por conseguinte, é impossível condenar as pessoas que experimentam uma orientação homossexual fundamental. Tal condenação não seria nem justa nem amorosa, pois deve-se reconhecer o estado ontológico destas pessoas.

2) Qual a intenção de Deus para a sexualidade humana?

As duas perspectivas supra citadas têm interpretações profundamente diferentes a respeito desta questão. A mais tradicional das duas afirma que as relações heterossexuais são a ordem divinamente ordenada para a sexualidade humana. Isto é apoiado pelo uso dos textos bíblicos e dos fatos empíricos da diferenciação sexual e do imperativo biológico de reprodução.⁵⁰

A visão mais liberal desafia o contexto da pergunta. Para esta perspectiva, o elemento, ou questão fundamental não é a sexualidade, mas a natureza e função da relação. Nossa sexualidade, homo e heterossexual, é um

⁴⁷ Citado em L.R. Holben, op. cit., p. 155.

⁴⁸ L. R. Holben, op. cit., p. 133.

⁴⁹ L. R. Holben, op. cit., p. 171.

⁵⁰ Ibid, p. 32.

dado pré-determinado. A questão ética fundamental é como nossa sexualidade pode ser usada para crescer em amor e comunhão. A questão básica é o Ágape e não a sexualidade.

3) Quais os critérios necessários para a expressão sexual moral?

O critério ideal para a expressão sexual, de acordo com Helmut Thielicke, é o matrimônio heterossexual amoroso que está aberto à possibilidade de procriação. Porém, isto deve ser entendido como um ideal. As relações homossexuais não se encaixam dentro deste ideal de expressão sexual moral. Também deve ser reconhecido que as relações heterossexuais raramente satisfazem este ideal moral. Ambas as relações, heterossexuais e homossexuais, devem ser julgadas pelos mesmos critérios. Isto é como eles aproximam o ideal. É injusto julgar uma pessoa por um padrão relativo e outra, por um padrão absoluto. Tal "ética de acomodação" é comum na ética sexual. O ideal para o matrimônio heterossexual seriam relações amorosas vitalícias que produzissem filhos. Este ideal é raramente alcançado. Por exemplo, a ética de acomodação está presente na aceitação de matrimônios que não produzam filhos e na aceitação do divórcio e re-casamento. Tal acomodação reflete uma atitude de buscar da alternativa mais redentora, o melhor bem possível, em um mundo pecador. Para esta perspectiva, o critério para a expressão sexual moralmente legítima é que "ambas as pessoas aproximam o ideal divinamente ordenado como é possível à luz dos efeitos de pecado (pessoal e contextual) e das capacidades dos indivíduos envolvidos".⁵¹ Isto inclui as relações heterossexuais e homossexuais. Por conseguinte, a homossexualidade não é reconhecida como um ideal e não podem ser aceitos os matrimônios homossexuais, mas as relações homossexuais devem ser julgadas pelos mesmos critérios que as relações heterossexuais.

A perspectiva representada por W. Norman Pittinger aproxima esta questão de uma perspectiva consideravelmente diferente. A avaliação moral de qualquer ato sexual, heterossexual ou homossexual, deve começar com "a centralidade e primazia de amor - amor que é mútuo, compartilhado, genuíno e profundo no sentido mais radical da frase".⁵² Os critérios necessários para a expressão sexual moralmente legítima são os mesmos para parceiros do mesmo sexo, ou do sexo oposto: o amor, o compromisso, a fidelidade, a compaixão, o respeito e a meta de união e autotranscendência.⁵³ O ideal é uma relação madura, na qual todos estes elementos sejam atualizados. Porém, a acomodação pastoral, como postura ética, entra pelo reconhecimento de que os humanos são seres pecaminosos. Isto significa que as relações heterossexuais e homossexuais devem ser julgadas em termos do grau para o qual eles satisfazem este ideal.

4) Existe "condição, ou orientação homossexual" e se existir, quais as suas fontes, causas, ou origens?

⁵¹ Lewis B. Smedes. *Sex for Christians: The Limits and Liberties of Sexual Living*. Grand Rapids, Eerdmans, 1976, p. 82.

⁵² Malcolm Macourt. *Towards a Theology of Gay Liberation*. London, SCM Press, 1977, p. 27.

⁵³ W. Norman Pittinger, op. cit.

Ambos os grupos dentro desta perspectiva separam a questão da etiologia da existência de uma condição, ou orientação homossexual. Baseado na evidência científica e no testemunho de homossexuais, esta perspectiva aceita a existência de uma condição homossexual como fato estabelecido. A questão da etiologia continua sendo discutida, mas deveria ser desvinculada da questão de orientação. Há uma variedade enorme de teorias contraditórias relativas à etiologia, ou origem da homossexualidade, e o debate continua intenso. Estas teorias variam da homossexualidade como parte normal do desenvolvimento humano, pelo menos para algumas pessoas, para os modelos que entendem a homossexualidade como patologia. Porém, a existência de uma condição, ou orientação homossexual é crescentemente aceita na comunidade científica e entre muitas escolas terapêuticas e clínicas, onde é tratada como fato.

5) Qual o significado psicológico da homossexualidade?

Há duas respostas básicas a esta questão. O primeiro é que a homossexualidade é um "comportamento anormal", em termos da sexualidade humana. É anormal no sentido estatístico e no contexto de diferir do imperativo "implícito" da biologia humana. Helmut Thielicke, em um texto, descreve a homossexualidade como "estrutura anormal de personalidade".⁵⁴ Porém, Curran propõe que "...a homossexualidade não necessariamente deixa todas as pessoas neuróticas, ou emocionalmente transtornadas."⁵⁵ H. Kimball Jones defende a idéia de que enquanto o amor de homossexual puder alcançar "as alturas de satisfação iguais às relações heterossexuais, tal amor sempre é... .fadada, por sua mesma natureza, a nunca passar além de um certo ponto. Dois homossexuais não podem completar um ao outro da mesma maneira que o homem e a mulher e não podem experimentar a alegria de gerar filhos, uma alegria que traz a uma relação heterossexual uma dimensão inteiramente nova."⁵⁶

A segunda resposta geral para esta questão é que não há nenhuma relação direta entre a orientação homossexual e a saúde psicológica. Porém, há uma relação indireta que tem a ver com a tensão criada pela rejeição social e o julgamento negativo, por parte de alguns na cultura, da homossexualidade.⁵⁷

6) Qual o significado espiritual da homossexualidade?

Um grupo dentro desta perspectiva entende a orientação homossexual como um dos muitos resultados da Queda, ou do pecado original. Esta natureza pecadora é compartilhada pelos homossexuais e heterossexuais, mas é particularmente difícil para o homossexual por causa da necessidade de viver em um mundo dominado por heterossexuais e assim enfrentar um alto nível de exclusão. Esta natureza pecadora também é particularmente difícil para o

⁵⁴ Helmut Thielicke, *op. cit.*, p. 283.

⁵⁵ Charles E. Curran. "Homosexuality and Moral Theology: Methodological and Substantive Considerations," *The Thomist*, Vol. 35, No. 3, July 1971, The Thomist Press.

⁵⁶ H. Kimball Jones, *op. cit.*, p. 94. .

⁵⁷ Bruce Bawer. *A Place at the Table: The Gay Individual in American Society*. New York, Poseidon Press, 1993.

homossexual por causa da distância do ideal do matrimônio heterossexual e da procriação. Isto, ou exige abnegação, ou um certo nível de imperfeição moral que está além daquilo experimentado por heterossexuais.

Uma segunda resposta a esta questão é que a homossexualidade não tem nenhum significado espiritual específico, além daquilo que é compartilhado por toda a sexualidade. Seu significado espiritual não é diferente da heterossexualidade, em termos de ser um meio de prazer, da autotranscendência e do aprofundamento de uma relação íntima de amor.⁵⁸ O desejo de saber, e de ser conhecido, ou pode servir para aprofundar as relações, ou ser transformado em uma forma destrutiva de auto-satisfação. Assim, o uso, ou a expressão da sexualidade, é a chave do significado espiritual de toda a sexualidade e não tem implicações específicas para a homossexualidade.

7) O homossexual pode tornar-se heterossexual?

Helmut Thielicke e Charles Curran compartilham uma perspectiva semelhante em termos desta questão. Ambos afirmam a necessidade do homossexual buscar a mudança, ou a cura, e a importância de acreditar que tal mudança é possível. Curran declara que: "deveriam ser feitas tentativas para superar esta condição, se for possível".⁵⁹ Thielicke afirma que "o homossexual deve estar disposto a ser transformado, ou curado dentro do possível; ele deve estar disposto a voltar para a ordem 'criada' ".⁶⁰

Porém, ambos os autores também afirmam que tal mudança é extremamente rara. Thielicke declara que: "...a grande maioria dos homossexuais pertence à classificação de pessoas para quem a mudança não é possível".⁶¹ Curran compartilha a mesma falta de otimismo relativo à mudança: "...a terapia, como tentativa de transformar o homossexual em um heterossexual, não oferece grande promessa para a maioria dos homossexuais".⁶² Isto cria uma tensão dentro desta perspectiva que é um considerável ponto de debate.

A perspectiva representada por W. Norman Pittinger responde que não há nenhuma razão pela qual o homossexual deva buscar ser heterossexual. Isto seria semelhante a pedir para um heterossexual que se tornasse um homossexual.⁶³ A questão de mudança cria uma falsa imagem do significado da palavra "cura" e desvia o debate do assunto mais profundo, que penetra toda a sexualidade humana: "...submeter o Eros ao poder da Ágape e assim integrar o desejo e sua satisfação a uma vida de compromisso, mutualidade e amor que abandona a satisfação imediata das necessidades pessoais."⁶⁴

8) À luz das perguntas 1 a 7, qual a opinião moral a respeito da homossexualidade?

⁵⁸ L. R. Holben, op. cit., p. 177.

⁵⁹ Charles E. Curran, op. cit., p. 62.

⁶⁰ Helmut Thielicke, op. cit., p. 283.

⁶¹ Ibid, p. 285.

⁶² Charles E. Curran, op. cit., p. 98.

⁶³ Bruce Bawer, op. cit.

⁶⁴ L. R. Holben, op. cit., p. 178.

De acordo com a perspectiva mais conservadora, os atos homossexuais sempre caem "fora dos limites da ordem de criação".⁶⁵ Por sua mesma natureza, ela nega o complemento macho-fêmea e a vocação de paternidade, ambos as quais são essenciais para a expressão sexual moralmente aceitável".⁶⁶ Baseado nestas premissas, as expressões homossexuais nunca são um bem objetivo. Eles sempre expressam os efeitos de pecado no mundo, a Queda. Não obstante, para o homossexual constitucional, eles podem ser a melhor alternativa moral possível.⁶⁷ Nestas situações, eles deveriam ser "julgados pelos mesmos padrões éticos aplicáveis para o heterossexual: a fidelidade monógama a um parceiro em uma relação na qual o amor, o respeito e a consideração para o outro como uma pessoa domina a relação sexual".⁶⁸ Isto não significa que as práticas homossexuais sejam moralmente aceitáveis, mas "reconhece que a melhor vida moral possível dentro de uma situação deplorável é preferível a uma vida de caos sexual".⁶⁹ À luz da realidade vivida "temos que aceitar relutantemente as uniões homossexuais como o único modo no qual algumas pessoas podem achar algum grau satisfatório de humanidade nas suas vidas".⁷⁰

A perspectiva mais liberal deste grupo acredita que "os atos homossexuais deveriam ser avaliados exatamente como os atos heterossexuais. No contexto de uma relação comprometida, monógama e amorosa eles são um bem moral positivo quando eles estão abertos à mutualidade, ao crescimento, ao autoconhecimento e conhecimento do outro."⁷¹ De acordo com W.Norman Pittinger: "Os atos homossexuais entre pessoas que pretendem uma união genuína de amor não são pecaminosos e a igreja não deveria considerá-los como tal".⁷² "Deus está presente na relação amorosa e presente nos atos que expressam e consolidam esse amor".⁷³

Observações Gerais

Há consenso geral nesta perspectiva, de que a homossexualidade não é nenhum mal intrínseco. A homossexualidade é uma condição, ou orientação sexual humana e não é necessariamente incompatível com o funcionamento social normal. Porém, há duas aproximações fundamentalmente diferentes desta questão. A primeira começa com suposições básicas a respeito da autoridade da Bíblia e da tradição cristã. Esta autoridade é examinada pela alta crítica da Bíblia e a consciência que a verdade é profundamente influenciada através do contexto histórico e cultural. Em conseqüência, o conceito relativamente moderno da existência de uma condição homossexual deve ser levado em conta em termos do desenvolvimento de uma moralidade sexual cristã.

⁶⁵ Helmut Thielicke, op. cit., p. 283.

⁶⁶ H. Kimball Jones, op. cit., p. 177.

⁶⁷ L. R. Holben, op. cit., 137.

⁶⁸ Lewis B. Smedes, op. cit., p. 132.

⁶⁹ Ibid, p. 146.

⁷⁰ Charles E. Curran, op. cit., p. 79.

⁷¹ L. R. Holben, op. cit., 178.

⁷² W. Norman Pittinger, op. cit., p. 63.

⁷³ Ibid, p. 65.

A postura ética fundamental continua respeitando a autoridade dos textos bíblicos e das éticas, das normas e dos valores cristãos tradicionais. A tensão criada pelo reconhecimento de uma condição homossexual e o respeito para com as fontes tradicionais de autoridade cria um conflito básico nesta perspectiva. Se há uma condição, ou orientação homossexual, que é uma parte integrante da identidade e expressão sexual de certos seres humanos, como é que pode cair fora das normas do comportamento sexual humano? Esta posição tenta manter igualmente uma moralidade sexual cristã, relativamente tradicional e, ao mesmo tempo, reconhecer a existência de uma orientação homossexual. A orientação homossexual é vista como fora da ordem criada porque não pode satisfazer as demandas éticas de uma relação heterossexual aberta à procriação. Isto é considerada a norma ética humana. Esta posição tenta responder a esta questão via conceito da acomodação ética. Todos os humanos estão sujeitos a pecado, heterossexuais e homossexuais. Os heterossexuais têm mais condições de satisfazer a norma, enquanto os homossexuais estão consideravelmente mais longe da norma. Porém, todos os seres humanos vivem na condição de pecado. Se um homossexual não é capaz de mudança, e tal mudança é reconhecida como altamente improvável, então uma relação homossexual monógama que expressa o amor e o respeito é a alternativa menos pecaminosa. Tal relação não pode ser aceita completamente, desde que cai fora da ordem criada, mas pode ser honrada como a melhor alternativa possível em um mundo pecaminoso.

A vulnerabilidade básica desta posição tem a ver com o conceito da natureza, ou da ordem criada. Se a homossexualidade for uma orientação sexual humana, então a lógica exigirá que seja parte da ordem criada. As palavras "orientação" e "condição" insinuam fortemente uma "inclinação natural" e não um comportamento aprendido.

Em resumo, esta posição busca manter os vários conceitos e entendimentos básicos da autoridade nas tradições cristãs e, ao mesmo tempo, reconhece a evidência científica e o testemunho pessoal de que a homossexualidade não é um comportamento aprendido, mas uma orientação sexual básica. A ética de acomodação é o meio pelo qual esta perspectiva busca reconciliar estas duas fontes de evidência aparentemente contraditórias, ou valores.

A segunda postura ética nesta perspectiva compartilha muitas das mesmas pressuposições básicas relativas à homossexualidade. A diferença fundamental é que o amor heterossexual e homossexual é entendido como sendo ontologicamente equivalentes. Em vez de avaliar as relações sexuais baseado nas autoridades bíblicas e tradicionais, esta perspectiva avalia a qualidade de relação como a norma ética fundamental. Isto requer uma leitura diferente da autoridade bíblica e tradicional, mas não, de acordo com esta posição, o abandono da ética cristã básica. A questão metodológica central tem a ver com a questão da interpretação de autoridade. Duas das fontes tradicionais de autoridade da ética cristã são os textos bíblicos específicos e as tradições históricas. Uma terceira fonte é a lei natural. Esta perspectiva busca respeitar estas três fontes de autoridade, via uma nova interpretação. Não podem ser interpretados isoladamente os textos bíblicos específicos e as tradições históricas. Eles precisam ser interpretados dentro do contexto dos temas bíblicos maiores de amor, justiça, compaixão, mutualidade e fidelidade. Os argumentos de lei natural precisam ser entendidos como influenciados pela

história e cultura. O conceito "natural" varia de acordo com o contexto cultural e histórico.

Por exemplo, o conceito da reciprocidade biológica, entre um macho e uma fêmea, é um fato básico da existência biológica. Porém, a diversidade biológica também é um fato básico da existência biológica. Sem a reciprocidade biológica a vida seria impossível. Porém, sem a diversidade biológica a vida, também seria impossível. Por sinal, a definição do que é "natural" depende da perspectiva histórica e cultural.

A vulnerabilidade básica desta posição é que os temas bíblicos maiores de amor, justiça, compaixão, mutualidade e fidelidade são muito amplos. Os indivíduos e os grupos os interpretam em uma variedade enorme de modos. Embora uma declaração muito geral, parece verdade que os seres humanos precisam, até certo ponto, de regras específicas, práticas e morais, que provêm estrutura. Em isolamento, os princípios gerais podem ser manipulados para servir às necessidades e os desejos individuais imediatos. Isso é um dos argumentos chaves no pensamento de Helmut Thielicke e outros. Porém, as regras e normas tradicionais podem tornar-se inflexíveis e limitadas em sua capacidade de integrar novas experiências e novos dados. Neste sentido, eles podem servir para reforçar as normas e estruturas de poder estabelecidas, sem respeitar, ou integrar, novas experiências individuais e sociais. O debate ético relativo à homossexualidade e heterossexualidade expressa questões fundamentais na ética cristã que vão além do campo da sexualidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade humana é um tópico polêmico. A homossexualidade é um tópico extremamente polêmico. Não há nenhum consenso, dentro da variedade de perspectivas na ética sexual Cristã, a respeito da natureza e função da homossexualidade. Talvez a questão mais básica seja a autoridade e a interpretação de autoridade. É relativamente fácil criticar as posições extremas na discussão. Pode ser criticada a leitura literal da Bíblia em função de sua rigidez e tendência de criar normas categóricas. Podem ser criticadas as posições que defendem a liberação, ou a afirmação, para uma confiança excessiva na bondade e no potencial humano, ou para uma falta de respeito da tradição cristã.

A questão ética fundamental pode estar mais funda do que a moralidade, ou imoralidade da homossexualidade. O conflito entre as fontes tradicionais de autoridade e a experiência pessoal parece ser uma questão básica. Nas culturas e tradições ocidentais, influenciadas pelo cristianismo, há forte resistência ao conceito de que a homossexualidade é uma forma válida e genuína da expressão sexual humana. Porém, há um corpo crescente de experiência que apóia a homossexualidade como uma forma genuína da expressão sexual humana. Estas afirmações desafiam muitas das convicções básicas da ética sexual cristã ocidental.

A ciência não pode solucionar esta questão. Embora haja evidência e apóio crescente para a existência de uma orientação homossexual fundamental, unida à identidade, não há nenhum consenso sobre esta questão.⁷⁴ Se existisse

⁷⁴ Javier Gafo, "Biologia da Homossexualidade Humana: Transição ou Salto". In *Homossexualidade: Ciência e Consciência*, São Paulo, Loyola, 1985.

a evidência científica de que a homossexualidade é um fator biológico, isto não solucionaria a questão ética. A ciência descreve fenômenos. As questões da moralidade e ética tratam de valores e convicções. As observações científicas, os valores e as convicções são vinculadas, mas não são a mesma coisa.

A sexualidade humana é muito mais que o que um indivíduo faz com os órgãos genitais. Nós temos corpos e nós somos corpos. A sexualidade tem a ver com o que significa ser um ser humano e não apenas com nossas relações sexuais. Por esta razão, a questão da homossexualidade trata da identidade e do ser e levanta questões fundamentais para a ética sexual cristã, para a teologia e para a ação pastoral.